

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES - (BHU)

ARSÊNIO VIEIRA

DIÁLOGO ENTRE A HISTÓRIA E FICÇÃO EM *O ÚLTIMO VOO DO*
***FLAMINGO*, DE MIA COUTO**

ACARAPE-CE

2017

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES - (BHU)

**DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO EM *O ÚLTIMO VOO DO*
FLAMINGO, DE MIA COUTO**

ARSÊNIO VIEIRA

Projeto de pesquisa do curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Dra. Luana Antunes Costa

ACARAPE

2017

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO/APRESENTAÇÃO

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

2.2 Objetivos específicos

3.0 Delimitação Do Tema

4.0 JUSTIFICATIVA

5.0 PROBLEMATIZAÇÃO

5.1 Desdobramentos da questão central

6.0 HIPÓTESES

6.1 Hipótese básica

6.2 Hipóteses secundárias

7. METODOLOGIA/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

REFERENCIAS

RESUMO

Através da literatura buscaremos entender a forma de vida em Moçambique logo no período depois da guerra de desestabilização (1977-1992). Procuraremos entender as relações entre o governo e a população moçambicana, relações entre a comunidade internacional e Moçambique, através do contato desses estrangeiros com o poder das forças sobrenaturais presente na sociedade moçambicana, a importância dos anciões nas comunidades. Para realizar todo esse trabalho temos como ponto de partida o romance O último voo do flamingo (2000) do escritor moçambicano Mia Couto.

Palavras chaves: Moçambique, Literatura e História.

1. INTRODUÇÃO/APRESENTAÇÃO

O presente trabalho propõe analisar a relação entre a história e ficção, tendo como objeto do estudo o romance *O último voo do flamingo* (2000). Destacaremos, na obra, as representações das relações sócio-políticas entre o poder governamental, população moçambicana e a comunidade internacional no período pós-guerra de desestabilização. Segundo Antônio Sérgio Ferreira, no seu artigo: *Relação entre Literatura e História* (2010).

Os textos literários são fatos históricos - uma vez que quem os escreveu estava historicamente posicionado e influenciado pelo momento - e, ao mesmo tempo, muitas vezes são representações da História. Por isso, é praticamente impossível pensar em textos literários sem considerar o contexto histórico em que surgiram e a partir do qual ganham seu significado último. (FERREIRA, 2010, p. 02)

Neste caso enquadraremos o romance no qual vamos interpretar ao longo do nosso trabalho, no grupo das estórias, assim afirmamos que a literatura e a história têm uma relação muito próxima, estes trabalham juntos em algumas circunstâncias, por este motivo ao ler o romance *O último voo do flamingo*, podemos encontrar uma quase semelhança entre os acontecimentos vivido na vila de Tizangara (vila ficcional em representação do Moçambique) e a história vivida em Moçambique no período pós a guerra de desestabilização.

Moçambique situa-se a sudoeste do continente africano. O país é banhado pelo oceano Índico ao leste, faz fronteira com Tanzânia na zona norte, Malawi e Zâmbia à noroeste, Zimbabwe ao oeste e Suazilândia e África do Sul à sudoeste. O país tem uma superfície total de 783.030 Km², que estão divididas em onze províncias: Niassa, Cabo Delgado, Nampula, Zambezia, Tete, Manica, Sofala, Gaza, Inhambane, Maputo província, Maputo Capital. A língua oficial é portuguesa devido à invasão e ocupação de Portugal naquele território, porém trata-se de um país plurilinguístico em razão da ocorrência de muitas outras línguas locais. (PELISSIER, 2000)

Antônio Emilio Leite Couto (Mia Couto), autor do romance *O último voo do flamingo*, nasceu em cinco de julho de 1955, na cidade da Beira a segunda cidade mais populosa de Moçambique filho de pais portugueses. Mia Couto publicou os seus primeiros poemas no jornal notícias da Beira aos 14 anos. Em 1971/72 Mia Couto deixou a Beira e foi para Lourenço Marques, (atual Maputo), para estudar medicina, curso que veio a abandonar

em 1974 e dedicou-se ao jornalismo e também participava na Frente de Libertação de Moçambique¹ (FRELIMO), Trabalhou como jornalista na “tribuna” e no “Jornal de Notícias”. Em 1976 tornou-se repórter e diretor da Agência de Informação de Moçambique. Foi jornalista da revista semanal Tempo, entre 1979 e 1981. Embora tenha iniciado sua carreira como poeta, com a publicação do seu primeiro livro *Raiz de Orvalho* (1983), o escritor enveredou para a prosa, gênero de maior parte de suas obras. No ano 1985 abandonou a carreira jornalística e reingressou na Universidade Eduardo Mondlane para se formar em biologia. (SEPÚLVEDA, SALGADO, 2006) Em sua dissertação de mestrado. *Pelas águas mestiças da história: Uma leitura de “Outro Pé da Sereia” de Mia Couto* (2008), a pesquisadora Luana Costa aborda um pouco sobre a geração do Mia Couto:

Como se sabe, o autor pertence aquela que ficou conhecida como a “geração de 80”, da qual faziam parte os escritores nascidos durante a guerra de libertação nacional, e que, portanto, guardam, em suas memórias, tanto o período de luta contra o regime colonial português, quanto aquele da guerra civil que assolou o país durante um longo período, no pós-independência. (COSTA, 2008, P.11)

A Nossa pesquisa tecerá considerações sobre o período após a guerra de desestabilização², visto que é a época na qual o romance *O último voo do flamingo*, de Mia Couto foi escrito, para tanto, analisaremos este romance, observando as relações com a história. Desse modo dialogamos com o intelectual moçambicano Francisco Noa, quando fala acerca da interligação do presente como passado:

Discutir o passado não é só para saber o que aí aconteceu nem simplesmente para saber como ele influencia o presente, mas, sobretudo o que ele é na verdade, se está concluído, ou continua sob diferentes formas. Como ensina Cícero, não conhecer passado é permanecer sempre criança. (NOA, 2015, p.16)

¹ A FRELIMO foi criada aos 25 de junho de 1962 como movimento nacionalista e tinha como presidente Eduardo Chivambo Mondlane, considerado um herói nacional. Desde a independência, que aconteceu no dia 25 de junho de 1975. Nesse ano o novo governo da FRELIMO, com poucos recursos humanos, aplicou o projeto de construção das “aldeias comunais” onde vão concentrar toda a população duma certa região, para melhor controle administrativo. Mas acontece que dentro dessas aldeias nem todas as pessoas viviam no mesmo pé da igualdade, o que provocou a guerra de desestabilização. (GEFFRAY, 1991).

²Moçambique se tornou independente da dominação portuguesa em 25 de junho de 1975 após um conflito armado que durou quase 10 anos. Pouco tempo depois entranha guerra de desestabilização (1977-1992) que colocara em combate duas forças políticas, a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) que é o partido no poder e a RENAMO (Resistencia Nacional Moçambicana), além das forças internacionais como: Zimbábue, Apartheid, EUA e outros. (GEFFRAY, 1991)

Lançar luz ao passado de seu país é algo corrente na escrita literária de Mia Couto, através da literatura, suas escritas possibilitam o leitor a analisar os acontecimentos e, a pensar os futuros acontecimentos, assim o leitor entenderá como lidar com as situações e como contribuir para melhora-las, suas obras possibilitam o público leitor em outras partes do mundo a entender um pouco sobre a forma de vida da população moçambicana. Da mesma forma a pesquisadora Enya Lara Amaral Homem na sua monografia “*O último voo do flamingo: Romance História e Sociedade*” (2016) fez uma análise sobre as o estilo de escritas de Mia Couto.

As narrativas de Mia Couto costumam apresentar-se em configuração realista, sendo carregadas de historicidade. São fortes os aspectos que caracterizam sua escrita como moçambicana e a tornam especialmente singular (o que se poderia denominar por coutiana): a linguagem própria, que remete intensamente à oralidade, e a presença de elementos fantásticos, relacionados às crenças e lendas locais destacam-se entre eles. (HOMEM, 2016, P.4)

A literatura e a história no contexto dos países africanos de língua oficial portuguesa têm uma relação muito próxima, estes se dialogam constantemente, nas obras de Mia Couto sempre podemos encontrar relatos dos acontecimentos históricos trabalhados pelo registro ficcional, por isso podemos dizer que existe um denso efeito de verossimilhança nas suas obras, ele mostra para o leitor os fatos que não são exatamente da ordem da realidade empírica, mas que podem ser.

As comunidades humanas precisam da literatura como precisam de alguns bens e/ou produtos da primeira necessidade. Nesse contexto, lembramos aqui do conceito de “bens incompressíveis”, segundo o intelectual brasileiro António Cândido, no seu texto *Direito a Literatura* (2011), afirma que bens incompressíveis, são bens que o ser humano precisa ter no seu dia a dia e deve ser ajudado a consegui-las, são semelhantes aos produtos da primeira necessidade, o qual pelo menos todo mundo precisa, para permanecer dentro de qualquer sociedade (casa, alimentação, roupa, etc.), é exatamente neste contexto que o António Cândido caracterizou e incluiu a literatura dentro da classe de “bens incompressíveis”.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo que a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação.

Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CÂNDIDO, 2011, P.176)

Analisando a citação acima e relacionando-a com as escritas de Mia Couto, entenderemos a noção que o próprio Mia Couto tem sobre a importância da literatura dentro da sociedade e como por meio de suas obras, num diálogo com a história, impulsiona o leitor a entender essa importância. O leitor é levado a conhecer as qualidades da literatura, quanto ela está presente no dia a dia da população mundial. Desse modo, dialogamos mais uma vez com a pesquisadora Luana Costa quando trata do diálogo entre as obras de Mia Couto e a história de Moçambique.

Outro ponto relevante dessa escrit(ur)a é a ação, realizada pelo escritor, de inscrever a história na estória. Há, portanto, na prática literária de Mia Couto, um constante diálogo com as fontes historiográficas que são por ele problematizadas, ao passo que em seus textos se tencionam os limites entre a história e a ficção. (COSTA, 2008, P.12)

O poder que o Mia Couto tem sobre as escritas é muito fantástico, ele possui uma qualidade de contar histórias que permite o leitor interpretar os seus textos de uma forma mais simples e ganhando muitas experiências no que diz respeito a vivência numa determinada sociedade.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

De uma forma geral, esse trabalho busca analisar o romance *O último voo do flamingo* de Mia Couto, observando a relação entre ficção e história, destacando as representações das relações sócio-políticas entre o poder governamental, a população moçambicana e a comunidade internacional no período pós-guerra de desestabilização.

2.2 Objetivos específicos

- Discutir a relação existente entre a comunidade internacional e Moçambique, dialogando com a estória narrada em *O último voo do flamingo*, de Mia Couto.
- Identificar e analisar as relações existentes entre a população e o governo em Moçambique após a guerra de desestabilização em relação com o romance *O último voo do flamingo*.
- Destacar a construção da imagem da nação moçambicana em *último voo do flamingo*, observando como se estabelece um diálogo com a ancestralidade e com as forças sobrenaturais.

1.0 Delimitação Do Tema

Leitura crítica do romance *O último voo do flamingo* (2005), buscando evidenciar diálogos entre história e ficção no período pós-guerra de desestabilização.

2.0 JUSTIFICATIVA

Durante o nosso curso de graduação, bacharelado em Humanidades, chamou-nos atenção os temas estudados sobre as literaturas africanas da língua oficial portuguesa na disciplina: Literatura em língua portuguesa, ministrada pela professora. Dra. Luana Antunes Costa, momento em que estudamos a literatura guineense, angolana, moçambicana, cabo-verdiana e são-tomense. Interessou-nos pesquisar Moçambique, como sendo um país pertencente aos PALOP (Países Africanos da Língua Oficial portuguesa) e do qual pouco conhecemos. Buscaremos, assim, nessa pesquisa compreender, através da literatura a

realidade vivida no país, às relações entre governo e a população logo após a independência. Portanto, no nosso trabalho pretendemos estudar a literatura moçambicana de modo mais específico que ficcionaliza o período pós-guerra de desestabilização, por este motivo escolhemos o romance *O último voo do flamingo*, (2000), de Mia Couto para desenvolver a nossa pesquisa.

O nosso trabalho poderá ser relevante para as sociedades africanas em geral e em específico para o Moçambique, visto que o resultado da pesquisa poderá ser muito útil na tentativa de compreender os fatos ocorridos no território moçambicano depois da guerra de desestabilização. Assim como os trabalhos literários que foram instrumentos importantes na luta contra a ocupação e opressão portuguesa, o nosso trabalho poderá facilitar o leitor a compreender a atualidade da sociedade moçambicana. Este trabalho também pode ter uma grande importância para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em específico para o nosso curso, bacharelado em Humanidades e para o curso de Letras em Língua Portuguesa, na UNILAB, existem pessoas em representação de oito países diferentes, podemos afirmar que antes de ingressar na nossa universidade, poucas pessoas desses tiveram contado mais profundo com a literatura moçambicana, então neste contexto que dizemos que o nosso trabalho pode levar o leitor a conhecer e compreender um pouco sobre a cultura moçambicana, possibilitando-o a fazer novas reflexões sobre a situação de vida naquele país desde a independência.

Falar da literatura africana, principalmente à de língua portuguesa no Brasil, é muito importante, pois mais da metade da população brasileira é afrodescendente, portanto entendemos que a população brasileira em geral precisa enriquecer suas ideias sobre o continente africano, pois o nosso trabalho pode trazer reflexões em específico sobre o período depois da guerra de desestabilização onde abordaremos a presença dos poderes sobrenaturais em ligação com a ancestralidade, fatos que julgamos ser importantes para sociedade como a brasileira que tem uma gama de população afrodescendente.

3.0 PROBLEMATIZAÇÃO

- Como é retratada a situação sócio-política dos moçambicanos logo após a guerra de desestabilização?

3.1 Desdobramentos da questão central

- Quais as reflexões do romance *O último voo de flamingo* de Mia Couto em relação à realidade vivida em Moçambique no pós-guerra?
- Como interpretar através do romance a relação entre a comunidade internacional e Moçambique?
- Como é trabalhada no romance a relação entre os ancestrais e a população; o poder político e o poder das forças sobrenaturais?

4.0 HIPÓTESES

4.1 Hipótese básica

- Mia Couto, através da sua obra *O último voo do flamingo*, aborda criticamente as relações sócio-políticas existentes entre a população moçambicana, os governantes corruptos e a comunidade internacional.

4.2 Hipóteses secundárias

- Mia Couto, através do romance *O último voo do flamingo*, faz relação entre os acontecimentos da vila ficcional, Tizangara, e a situação política vivida em Moçambique no período pós-guerra civil.
- Mia Couto, no seu romance *O último voo do flamingo*, cria uma imagem da nação moçambicana, que foi castigada e abandonada pelos ancestrais devido à guerra e a má governação.
- De forma ficcional o romance, *último voo do flamingo*, procura mostrar a relação entre as forças sobrenaturais, executivo e representação das Nações Unidas.

5.0 METODOLOGIA/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O foco principal da nossa pesquisa é estudar o período depois da guerra de desestabilização e temos como ponto de partida o romance *O último voo do flamingo* do Mia

Couto. Portanto para entender o período pós-guerra de desestabilização iremos pesquisar e tentar saber o que é essa guerra, quais os motivos provocadores, quais os resultados. Assim poderemos falar melhor desse período. Também é relevante destacar alguns aspectos da história do período colonial e sua relação com a literatura. Desse modo a literatura desempenhou um papel extremamente importante no processo da independência de Moçambique, os contos, poemas e romances, serviam como instrumento de denuncia aos abusos do governo opressor português. Esses trabalhos literários foram um dos principais motivos que levaram muitos jovens a aderir à luta armada pela independência, pois os que sabiam ler interpretavam os verdadeiros sentidos dessas obras à restante da população que é a maioria analfabeta.

Assim podemos afirmar que na época em que ocorria o processo pela independência do Moçambique, o conceito do nacionalismo estava muito presente na mente de maioria da população, a união entre o mesmo povo que tinham um propósito, a independência total da nação que estava dominada por governo português, Por este motivo dialogamos com o autor Benedict Anderson no seu livro: *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. O autor mostra a diferença entre a nação e o nacionalismo definindo a nação de seguinte forma:

(...) é uma comunidade política imaginada – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana. É imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca ouvirão falar da maioria outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão (ANDERSON, 2005, p.25).

Os nacionalistas moçambicanos durante o processo de luta pela independência, acreditaram que existem pessoas lutando contra os militares portugueses em todas as outras províncias mesmo sem conhecer uns aos outros, eles viveram o conceito da nação imaginada.

A escritora Enya Homem (2016), aborda as diferentes etapas da presença da literatura dentro da sociedade moçambicana, ela começa por falar do papel da literatura desde o início da campanha contra o governo colonial até nos momentos mais recentes.

Durante a primeira fase, muitos poetas engajados surgiram, e na prosa tiveram destaque os autores de contos, Bernardo Honwana, autor de *Nós Matamos o cão tihoso*, e João Dias, de *Godido e outros contos*. A temática das obras começava a denunciar a exploração dos negros e a segregação racial. (HOMEM, 2016, p. 13)

Na segunda fase, os poetas junto com outros companheiros de funções diferentes militavam na FRELIMO, unidos na luta pela independência. “Há, nessa fase, uma

consciência de formação da identidade nacional. É nesse momento que *Portagem (1965)*, de Orlando Mendes é publicado sendo considerado primeiro romance moçambicano” (HOMEM, 2016, P. 13).

Como já tínhamos ressaltado acima, que o nome do Mia Couto está incluído no grupo de escritores que fazem parte da “geração de 80”, os que continuaram seguindo a linha dos mais velhos escritores, mas só que já nas suas escritas críticas vão mais direcionadas para o governo moçambicano, assumiu o poder depois da saída dos portugueses, estes escritores manifestam as suas inquietações sobre a situação de miséria na qual a população de Moçambique vivia.

Buscando dialogar com dados historiográficos sobre a guerra de desestabilização e o período posterior mais imediato, abordaremos no primeiro capítulo do nosso trabalho, a relação conflituosa existente entre a população moçambicana e o seu governo. Como se sabe, a guerra de desestabilização em Moçambique trouxe um grande atraso no desenvolvimento do país, e houve um grande derramamento de sangue onde podemos encontrar milhões de mortos e feridos, incluindo os soldados zimbabuanos que participaram diretamente nessa guerra (COELHO, s/d). Depois da guerra de desestabilização, que durou de 1977 a 1992, Moçambique continua a ser governado pela FRELIMO. Esse partido ganhou a primeira eleição multipartidária organizado em Moçambique em 1994. (TERENCIADO, 2016).

Os meios de comunicações de Moçambique relataram os acontecimentos que envolveram armas mesmo depois da guerra de desestabilização. O país viveu um forte clima de instabilidade político-militar por alguns anos devido ao sentimento de ódio e vingança entre a FRELIMO e a RENAMO. O sociólogo moçambicano Elísio Macamo numa entrevista à rádio Deutsche Welle at a glance (DW) no dia 28-09-2016, falou sobre a instabilidade política moçambicana. O sociólogo falou que existe a falta de confiança entre a FRELIMO e a RENAMO, isso é um dos principais motivos da instabilidade em Moçambique.

Ao interpretar a relação polémica existente entre Tizangara e Moçambique, podemos ver que com as eleições ganhas e a permanência da FRELIMO no comando daquele país, continua havendo denúncias sobre abuso do poder do Estado sobre a população. A maioria da população inconformada com a situação em que se encontrava o país continuou a ver neste governo o retrato dos colonizadores. Tais fatos levam-nos a dialogar com o artigo: *Rescrevendo a identidade Nacional “O último voo do flamingo,” e suas faces pós-coloniais*

do pesquisador Dionísio da Silva Pimenta (2013), ao refletir sobre o conceito “pós-colonialismo” e as cicatrizes do colonial no pós-colonial.

Dessa forma, o pós-colonialismo não pode ser compreendido simplesmente como uma sucessão cronológica em que os problemas coloniais foram resolvidos ou sucedidos por uma época livre de conflitos, mas como um disseminador de múltiplas temporalidades. Os problemas do colonialismo, tais como a exploração, a marginalização, a opressão e o subdesenvolvimento passam a persistir enquanto resquícios que, regidos e transformados por processos de continuidade e ruptura, acabam por configurar um cenário neocolonial. O que notamos a priori com o termo é a sua dupla inscrição que assinala um movimento maior do que a marcação temporal do prefixo “pós”: trata-se da transferência de um poder outrora Imperial para um outro sistema de economia global, em que o sistema desregulamentado de mercado livre, o livre fluxo capital e os interesses pelos modelos ocidentais operam uma desigualdade estrutural, tanto em nível macro (Moçambique, por exemplo, em relação a outros países) quanto micro (os conflitos entre nativos nas esferas política, étnica e de gênero).(PIMENTA, 2013, p.247)

Outrora, em tempos do colonialismo, os moçambicanos (antigos combatentes), que deixaram a família, disponibilizaram seus tempos e toda a energia para enfrentar as tropas portuguesas numa luta armada pela libertação do país. Assim um pequeno grupo, na maioria de sul, que tiveram acesso a alfabetização e a formação superior ocuparam os cargos mais altos no governo e formaram a elite moçambicana, excluindo o resto da população (maioria analfabetos do Norte), que presenciou a luta pela independência. Sem fazer parte do governo, e sem a presença do governo no que diz respeito ao atendimento das demandas da população, a FRELIMO passou a ser vistos pelo povo como assimilados dos portugueses.

O escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho no seu artigo: *Da violência colonial ordenada a ordem pós-colonial violenta* (2003), caracterizou essa assimilação como “herança do potencial de violência vinda dos portugueses” (COELHO, 2003, p. 175) A pesquisadora Sueli da Silva Saraiva, na sua obra: *“A casado sonho desperto”*: *Representações utópicas/diatópicas no romance moçambicano contemporâneo* (2010). A autora fez uma relação entre a administração de Tizangara e o governo de Moçambique e explica o papel das personagens Estevão Jonas e sua esposa Dona Ermelinda de seguinte forma:

Já no plano doméstico a caracterização das personagens remete ao processo de formação das classes sociais moçambicanas pós-independência, com destaque para duas personagens: O administrador. Estevão Jonas e a sua esposa Dona Ermelinda. O casal de ex-combatentes é uma caricatura dos novos-ricos moçambicanos –figuras recorrentes nos textos críticos de Mia

Couto, e ainda caricatura de governantes descomprometidos com as questões sociais, embevecidos com o poder e o dinheiro. (SARAIWA, 2010, p.135)

Nesse mesmo contexto podemos também dialogar com Enya Homem na sua análise crítica a “herança do abuso colonial”, ela aborda algumas características de cicatrizes de abuso do poder deixada na mente do povo de moçambicano pelo colonizador português.

É válido observar que a narrativa coutiana, além de fundamentar-se em elementos culturais lendários de Moçambique, compromete-se em expor as contradições históricas inerentes à vida social do país. É esse o caso do romance *O último voo do flamingo*, que consegue denunciar as mazelas da sociedade moçambicana retratando as sequelas do colonialismo português em seu território, as consequências do período da guerra e da pós-independência e a fragilidade político econômico de Moçambique. (HOMEM, 2016, p. 9)

Em análise do romance *O último voo do flamingo*, reparamos a existência de uma relação entre a narrativa e a realidade da época pós-guerra de desestabilização. Através da estória narrada da situação de vida em Tizangara, ao longo da leitura do romance, deparamo-nos com o clima conflituoso entre a população e a administração local vivido na vila. O administrador Jonas vive em constante desentendimento com o povo. Ele desvia os recursos destinados à população para os seus próprios benefícios. Ao relacionar esse parágrafo do romance com a realidade vivida no país logo depois da guerra de desestabilização, podemos entender que os fatos não são tão diferentes. São enumeras denúncias levantadas contra a corrupção naquela época. Como podemos perceber no artigo: *Teias e tramas da ficção e da história: Uma das tendências do romance contemporâneo em Angola e Moçambique* (2015), da pesquisadora Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, quando relaciona a administração de Tizangara com a do Moçambique.

O riso que se instala é desconcertante, pois chama atenção, ironicamente, para o ridículo da situação, emitindo uma crítica mordaz à sociedade moçambicana, cujo poder corrupto e falido das autoridades é alegorizado pela imagem do falo amputado. É um riso incômodo que perpassa o melancólico desenho caricato das personagens típicas, entre as quais: Estêvão Jonas, o Administrador, cujas práticas desonestas o levaram ao enriquecimento ilícito; e sua esposa Ermelinda, que gostava de exibir anéis e vistosos colares. (SECCO, 2015, p.56)

A autora tenta nos mostrar como interpretar o papel do Estêvão Jonas e da sua esposa Ermelinda no romance e explica que estes representam o pequeno número das pessoas que faziam parte da elite moçambicana desde a época depois da independência.

Reparamos que Mia Couto, nos diferentes gêneros literários, escritas narra de uma forma indireta os possíveis acontecimentos no território moçambicano. Essa busca por relacionar a realidade à ficção é uma qualidade muito presente não só nas obras do Mia Couto, mas nas literaturas africanas de língua portuguesa. O escritor Dionísio Pimenta por sua vez, caracteriza essas literaturas como uma forma indireta de crítica aos governantes, pois facilita a população a encontrar uma forma de questionar sobre os seus direitos, tal questionamento se dá pela elaboração, divulgação, circulação dos textos literários, que foram uma das pedras fundamentais da construção das independências e a retirada dos colonizadores portugueses. Ele ainda considera estas obras não só como elementos que contribuíram na luta pela independência, mas também como os que serviram como uma chamada de atenção (alerta) aos políticos corruptos. (PIMENTA, 2013).

Dialogamos com Carmen Secco quando fala sobre o desempenho da literatura africana de língua portuguesa, que veio a ter um papel importante desde o tempo do colonialismo. Podemos também afirmar que estas obras críticas literárias continuam a desempenhar um importante papel no período pós-colonial.

O autor angolano Pepetela, em uma palestra na Faculdade de Letras da UFRJ, disse o seguinte: “um escritor não faz num romance trabalho de historiador, não é essa tarefa sua. Mas, no caso das nossas sociedades, me parece haver necessidade de alguma cautela na reconstituição de uma época. Isso exige trabalho apurado de investigação” (PEPETELA, Palestra F. Letras/UFRJ, 2008). O escritor tem toda razão, tendo em vista, no caso das Literaturas Africanas em língua portuguesa, o fato de diversos romances, em razão do silenciamento imposto durante séculos pelo regime colonial, exercerem, após a independência, o papel de reescrita da história. (SECCO, 2015, p. 45)

A particularidade da literatura africana na de língua oficial portuguesa vem desempenhando um papel muito importante na atualidade. Podemos dizer que estes autores desempenham o papel de porta-voz do povo, nessas obras são muito presente as inquietações dos autores face as desigualdades que se encontra muito presente nas sociedades africanas de língua oficial portuguesa.

No segundo capítulo do presente trabalho discutiremos a relação entre a comunidade internacional e Moçambique, a partir do romance *O último voo do flamingo* de Mia Couto. Percebemos que uma parte da obra representa a situação vivida dentro de Moçambique no período pós-guerra de desestabilização, as relações e implicações com a autoridade local e as intervenções da comunidade internacional. Portanto, procuraremos

entender a relação entre a comunidade internacional e Moçambique, dialogando-o com a relação existente entre a população de Tizangara e os soldados das Nações Unidas.

Logo no início do romance *O último voo do flamingo*, deparamo-nos com os soldados das Nações Unidas, que estavam na vila de Tizangara para vigiar o processo de manutenção da paz. Estes capacetes azuis representam a comunidade internacional que sempre intervém nos conflitos dentro do Moçambique.

Estávamos nos primeiros anos do pós-guerra e tudo parecia correr bem, contrariando as gerais expectativas de que as violências não iriam nunca parar. Já tinham chegado os soldados das Nações Unidas que vinham vigiar o processo de paz. Chegaram com a insolência de qualquer militar. Eles, coitados, acreditavam ser donos de fronteiras, capazes de fabricar concórdias. (COUTO, 2000, p.07)

Como referimos acima, os soldados vieram com a missão de manutenção da paz, mas alguns ao invés de oferecer a tranquilidade à população fugiam das suas obrigações, cometendo abuso de força das armas principalmente nas mulheres. Estas foram motivos suficientes para a misteriosa explosão. O fato envolveu quatro soldados, contudo quando surgiu o quinto, os representantes máximos das Nações Unidas chegaram à vila para investigação. Ao major Massimo Risi foi dada a missão de investigar e encontrar os motivos da explosão dos cinco soldados desaparecidos. No decorrer do seu trabalho o Massimo Risi acabou por se envolver com a cultura local. Porque para encontrar a realidade ele teve que se misturar ao povo, vivendo como um habitante de Tizangara, o que lhe ajudou muito a obter informações.

Abordaremos a relação entre os soldados das nações unidas com o administrador Jonas, não é de uma forma agradável. Jonas, além de desviar os recursos que eram para o apoio a população, se sentia incomodado com a presença dos soldados das Nações Unidas em seu território, pois ele pensa que junto das suas capangas seria capaz de administrar o Tizangara. Nossa leitura nos aponta, inicialmente, que Jonas representa o governo moçambicano com as suas atitudes de autoritarismo e abuso do poder, visto dessa forma pela população desde independência.

Os soldados das Nações Unidas representam a própria comunidade internacional, que sempre interviu nos assuntos políticos militares do Moçambique, o soldado zambiano representa os soldados que foram mandados para cumprir a missão, manter a paz naquele território, e não cumpriram com o mandado, desviaram das suas obrigações. O

tradutor é natural da vila de Tizangara, saiu da vila para estudar na cidade, e quando voltou encontrou aqueles estranhos acontecimentos, sem entender acabou por entrar naquela história polêmica, onde foi chamado para desempenhar o cargo do tradutor numa língua que ele não sabia falar. O narrador representa os filhos de Moçambique que foram estudar nos países mais desenvolvidos, quando voltam adquirem certos privilégios, devido a experiência mais avançada no que diz respeito à formação acadêmica moderna. O tradutor afirma num parágrafo do romance o seguinte: “Passou-se o tempo e eu saí da terra nossa, encorajado pelo padre Muhando. Na cidade, eu tinha acesso à carteirinha das aulas. A escola foi para mim como um barco: me dava acesso a outros mundos” (COUTO, 2000, p.29). O tradutor falou sobre experiências adquiridas na cidade através do acesso à escola onde ele teve oportunidade de ter vários conhecimentos. A pesquisadora Sueli Saraiva caracteriza o narrador, que foi também tradutor, que ao invés de traduzir a língua, traduziu a realidade local trabalhando junto do Massimo Risi na busca dos fatos da explosão dos soldados das Nações Unidas.

Se, no plano do conteúdo, o enredo recupera elementos de uma realidade empírica verificável, no plano formal destaca-se a figura do narrador em primeira pessoa no papel de enunciador dessa realidade. Ao identificar-se no “Prólogo” como o “Tradutor de Tizangara”, o narrador, mais do que informar sua função no enredo (o intérprete do oficial da ONU), se propõe a ser aquele que procura “traduzir” para o leitor o sentido daquela realidade ou, para usar a terminologia de Pellegrini, ele será o facilitador no processo de “refração”. (SARAIVA, 2011, s/p)

Ainda observando o quadro dos personagens, apresenta-se o pai do tradutor, o velho Sulplício que representa os anciões, aqueles que presenciaram a história desde o período colonial até o momento depois da guerra de desestabilização. Isso lhes confere uma grande experiência no que diz respeito ao conhecimento das estratégias dos estrangeiros e dos próprios governantes. Para ver como a corrupção está presente, o velho lembra um fato ocorrido no passado, ainda quando era policial e prendeu o sobrinho do administrador Jonas. Ele nos conta que a esposa do administrador mandou os guardas soltar o rapaz e prender Sulplício. Tal acontecimento mostra a falta de justiça dentro de um país onde a corrupção tem muita potência. (COUTO, 2000)

Há ainda a prostituta Ana Deusqueira, esta representa as mulheres moçambicanas que escolheram a vida de prostituição para vida toda. Podemos encontrar essa relação entre Ana Deusqueira e as mulheres moçambicanas que escolheram a vida de prostituição, quando Deusqueira estava a falar com o ministro. “Uma puta nunca é “ex”. Há ex-enfermeira, há ex-

ministro... só não existe ex-prostituta. A putice é condenação eterna, uma mancha que não se lava nunca mais” (COUTO, 2000, p.48). Ela é uma pessoa capaz de explicar os misteriosos acontecimentos, pois foi uma das vítimas de abuso sexual dos capacetes azuis em Tizangara. Na sua confissão ela falou dos motivos da explosão dos soldados. “Os soldados estrangeiros explodem, sim senhor. Não é que pisam em mina, não. Somos nós, mulheres, os engenhos explosivos.” (COUTO, 2000, p.49)

Ainda na sua revoltante inquietação sobre a presença dos chefes máximos das Nações Unidas por causa do desaparecimento dos seus soldados ela expressa o seguinte para o Massimo Risi: “Morreram milhares de moçambicanos, nunca vos vimos cá. Agora, desaparecem cinco estrangeiros e já é o fim o mundo?” (COUTO, 2000, p.20). A ida dos chefes máximos da ONU pela vila de Tizangara foi interpretada como um menosprezo e exploração ao povo moçambicano, porque se importassem com os nativos chegariam antes da explosão do primeiro soldado, pois antes já tinham morrido muitas pessoas.

Enya Homem interpretou a missão da paz dos soldados da Organização das Nações Unidas como um interesse dos europeus em continuar a governar indiretamente os países africanos, pois acreditam que os africanos são incapazes de se dialogarem e chegar a um consenso e/ou resolver os seus problemas sem intervenção da comunidade internacional (HOMEM, 2016).

O personagem Massimo Risi, um europeu que chegou à vila, para uma investigação, graças a sua humildade acabou se envolvendo com os costumes do povo local. O italiano fez papel dum antropólogo, ele foi dado à missão de investigar e saber dos motivos das explosões misturou com o povo. “Havia outra residência para o representante das Nações Unidas”. Mas o italiano preferiu ficar na pensão local (COUTO, 2000, p.22). Seria muito difícil conseguir apurar os fatos sem viver o dia a dia do povo de Tizangara. “Assumir condição de estrangeiro, integrar-se com a população e estar disposto a entender aquele mundo, foram passos determinantes para que o italiano não tivesse o mesmo destino dos soldados desaparecidos” (SARAIVA 2010, p.135).

Os outros soldados da ONU se envolviam com as mulheres locais sem nenhum tipo de respeito e consideração. Como no caso do soldado Zambiano que chegava aos locais públicos como se fosse à sua casa mostrando que tinha poderes sobre todos. De uma forma

desrespeitosa invadiu a casa Ana Deusqueira e a violentou, o que a narrativa sugere ter sido esse um possível motivo que o levou a explodir. (COUTO, 2000)

Os anciões africanos sabem das estratégias utilizadas pelos europeus no momento da invasão e exploração da África, tanto nos recursos naturais quanto nos humanos. O conselho do velho Sulplício ao tradutor (seu filho) no que diz respeito ao seu envolvimento com um europeu (Massimo Risi) é representativo de sua experiência do passado colonial “Antigamente queríamos ser civilizados, agora queremos ser modernos. Continuávamos, ao fim ao cabo, prisioneiros da vontade de não sermos nós” (COUTO, 2000, p.108). A Tal chamada de atenção do velho Sulplício para o seu filho, é um ponto muito importante para a juventude africana em especial os moçambicanos.

Depois da ideologia dominante portuguesa que é colonização de povoamento, circulação da ideia de que os africanos são seres sem culturas, passamos a viver o modernismo europeu, podemos encontrar o papel de “juízes” dos problemas dos países africanos. Portanto faremos uma chamada de atenção aos africanos. O africano deve ser o melhor intermediário do problema da África, contador das histórias africanas e preservador de suas culturas.

O velho Sulplício fala para o seu filho (tradutor) sobre o papel dos filhos da terra que é de contar as suas próprias histórias. Quando o velho estava partindo na canoa, o tradutor queria ir também, mas ele lhe o impediu e lhe explicou o que devia fazer: “(...) Fica, já disse. Para contar aos outros o que aconteceu com nosso mundo. Não quero que seja esse, de fora, a falar desta nossa estória” (COUTO, 2000, p.125). Esse parágrafo dá uma lição de moral muito importante aos moçambicanos de que eles devem ser os melhores contadores das suas histórias, não os europeus que não conhecem bem a cultura moçambicana.

No terceiro e último capítulo do nosso trabalho, destacaremos a construção da imagem da nação moçambicana, observando como se estabelece um diálogo com a ancestralidade e com o poder das forças sobrenaturais. O verdadeiro motivo do desaparecimento dos cinco soldados das Nações Unidas é um mistério para os chefes máximos daquela organização, mas para o povo de Tizangara é normal, pois eles já sabiam da presença do poder das forças sobrenaturais naquela vila, Ana Deusqueira o Jonas e o Zeca Andorinho sabem muito bem desses soldados desaparecidos. Como os já referimos acima acerca dos abusos desses soldados sobre o povo de Tizangara. Também podemos identificar

a personagem Temporina como quem representa os poderes sobrenaturais, ela é uma menina com corpo de jovem e a cara de uma idosa sofreu esta transformação corporal por causa da maldição, através dela podemos perceber como o poder sobrenatural ainda é presente em Moçambique.

O papel dos anciões na organização das sociedades africanas é de extrema importância, são as grandes bibliotecas transmissoras de conhecimentos, através da tradição oral adquiridos dos seus ancestrais. Guardam os segredos, as histórias, os usos e costumes da sociedade em que vivem. Histórias e conselhos escutados e contados de geração para geração, uma criança cresce sabendo da história dos seus ancestrais antes de aprender a ler e escrever. O conhecimento primeiro se dá através da fala dos avós, dos pais ou de qualquer membro da família. O escritor africano de nacionalidade maliana, Amadou Hampâté Bâ aborda esse tema no texto “A Tradição Viva”, no oitavo capítulo do livro *Historia Geral da África*. (1957). Ele explica sobre a cultura africana que começou antes da chegada e ocupação dos europeus naquele continente.

Quando falamos da tradição em relação à história africana, referimo-nos tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança do conhecimento de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer *são* a memória viva da África”. (HAMPÂTÉ BÂ, 1957, p. 181)

Mesmo com muitos séculos da presença europeia nesse continente, para tentar “civilizar” esse povo que não tinha “cultura”, mas com todo o esforço de inculcar na mente dos africanos as suas culturas com o barulho de chicote e muita tortura, os nativos não adotaram integralmente esses costumes vindos de fora, não perderam os costumes deixados pelos seus ancestrais. As práticas culturais antigas estão presentes nos países africanos até nos dias de hoje. Como leremos no romance, O castigo de abandono dos ancestrais aplicado à vila de Tizangara se dá porque os ancestrais ficaram revoltados vendo a terra sendo administrado por políticos que só queriam lucros à custa do sacrifício de toda a população. Como relata o velho Sulplício, quando desapareceu a terra:

A gente recebe a opinião dos espíritos e até Zeca Andorinho lhe já tinha dito a mesmíssima coisa — os antepassados não estavam satisfeitos com os andamentos do país. Esse era o triste julgamento dos mortos sobre o estado

dos vivos. Já acontecera com outras terras de África. Entregara-se o destino dessas nações a ambiciosos que governaram como hienas, pensando apenas em engordar rápido. Contra esses desgovernantes se tinha experimentado o inatentável: ossinhos mágicos, sangue de cabrito, fumos de presságio. Beijaram-se as pedras, rezou-se aos santos. Tudo fora em vão: não havia melhora para aqueles países. Faltava gente que amasse a terra. Faltavam homens que pusessem respeito nos outros homens. Vendo que solução não havia, os deuses decidiram transportar aqueles países para esses céus que ficam no fundo da terra. (COUTO, 2000, p.124)

O castigo aplicado pelos ancestrais incluiu toda a população de Tizangara, mesmo aqueles que não foram culpados pela má direção que a vila andava, os ancestrais resolveram acabar com toda a terra, para que o povo que passava sacrifícios, não continuasse a sofrer e para que os governantes deixassem de se engordar à custa do povo. Com esse desaparecimento da terra, resta à população ficar a viver de esperança de um dia voltar a terra.

Como tínhamos referido, anteriormente, Mia Couto criou Tizangara como ficção de Moçambique, país ainda sofrendo das heranças dos tempos coloniais e a problemática política interna. Assim o romance não tem um final feliz como podíamos esperar. Nele não há resolução dos conflitos, porque nem o administrador foi julgado por esquema de corrupção, nem o italiano consegue recuperar os arquivos da investigação que já não estavam totalmente esclarecidos. Além disso, por cima de tudo sumiram com o desaparecimento da terra.

Foi num súbito: acordei em sobressalto. É que no meu rosto senti o quente bafo das infernezas. Olhei para o lado e quase desfaleci: ali mesmo, onde estava a terra, não havia nada senão um imenso abismo. Já não havia paisagem, nem sequer chão. Estávamos na margem de um infinito buraco. Avisei o meu pai, e logo ele, em rebuliço: — Os meus ossos? Árvore: nem sobra, nem sombra. Os ossos tinham-se ido no vazio. Como a inteira paisagem, a casa, a vila, a estrada, tudo engolido pelo vácuo. Que se passara? Um homem faz um grande buraco, sim. Muitos homens fazem um buraco muito enorme. Uma cova daquela dimensão, porém, aquilo era obra da sobrenatureza. (COUTO, 2000, p.123)

Podemos encontrar no decorrer da leitura, as dificuldades dos estrangeiros em compreender a realidade moçambicana. Essas dificuldades são devido a não familiarizar com cultura moçambicana. Moçambique um país com muita diversidade étnica e muito misturado com os poderes sobrenaturais. Podemos encontrar essas dificuldades na carta que o Massimo Risi escreveu para o Secretário-geral das nações Unidas.

Cumpre-me o doloroso dever de reportar o desaparecimento total de um país em estranhas e pouco explicáveis circunstâncias. Tenho consciência

que o presente relatório conduzirá à minha demissão dos quadros de consultores da ONU, mas não tenho alternativa senão relatar a realidade com que confronto: que todo este imenso país se eclipsou, como que por golpe de magia. Não há território, nem gente, o próprio chão se evaporou num imenso abismo. Escrevo na margem desse mundo, junto do último sobrevivente dessa nação. (COUTO, 2000, p.126)

Apresenta-se, desse modo, uma relação estreita entre ficção e realidade, visto que Moçambique, no plano da realidade mostra-se sem solução mesmo depois da guerra de desestabilização, a corrupção continuou a governar sobre a população. A pesquisadora Sueli da Silva Saraiva (2010) aborda o romance *O último voo do flamingo*, como o fim da esperança para população moçambicana, onde ela descreve o momento da revolta dos antepassados, perante o mesmo povo de Moçambique que unido lutou contra o jugo colonial para libertação do país, ao assumir o comando estavam a fazer o mesmo que os colonizadores. “(...) *O último voo do flamingo* fala de uma perversa fabricação de ausência - a falta de uma terra toda inteira, um imenso rapto de esperança praticado pela ganância dos poderosos” (SARAIVA 2010, p. 134). Percebemos que Mia Couto, por essa obra, faz uma crítica às autoridades de Moçambique. Sua escrita é uma lição muito rica à população, uma forma de comunicar sobre outros caminhos possíveis à sociedade de seu país. A nova geração de Moçambique deve seguir o caminho percorrido pelos escritores como o Mia Couto, assim para contribuir na descolonização da mente dos políticos, isso poderá contribuir no desenvolvimento merecido por um Moçambique de todos os moçambicanos.

REFERENCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas:** Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa:70 edições. 2005.

BÁ, A. H. **História Geral da África.** Metodologia e pré-história da África. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. 992 p.

CÂNDIDO, A. **Direito a literatura.** Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%200%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf>. Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

COELHO, J. P. B. **Da violência colonial ordenada a ordem pós-colonial violenta.**

Disponível em: <http://lusotopie.sciencespobordeaux.fr/borges2003.pdf>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

COELHO, J. P. B. **Literatura quantitativa' e a interpretação do conflito armado em**

Moçambique (1976 a 1992) Disponível em: <<http://docplayer.com.br/29824647-A-literatura-quantitativa-e-a-interpretacao-do-conflito-armado-em-mocambique-joao-paulo-borges-coelho-universidade-eduardo-mondlane.html>> Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

COSTA, Luana Antunes. Pelas águas mestiças da história: Uma leitura de "O outro pé da sereia" de Mia Couto.2008. 140. f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Curso pós-graduação em letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano.** Lisboa: Editorial Caminho, AS, 2011.

COUTO, M. **O último voo do flamingo:** 1. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

FERREIRA, A. S. **Relação entre Literatura e História**. Diálogos acadêmicos, São Paulo, vol.1. n.1 p.1-16, outubro. /janeiro. 2010.

GEFFRAY, C. **A causa das armas**: Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique. Edições Afrontamento/R. de Costa Cabral,859/Porto: Santa Maria da Feira, 1991.

HOMEM, E. L. A. O último voo do flamingo, de Mia Couto: Romance, História e Sociedade. 2016. 24f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) - Curso de Literatura, Universidade de Brasília. 2016.

NOA, F. **Império Mito e Miopia**: Moçambique como invenção literária. 3.ed. São Paulo: Kapulana, 2015.

PELLISSIER, R. **História de Moçambique**: Formação e posição 184-1918. 3.ed. Lisboa: Editora Estampa, 2000.

PIMENTA, D. S. **Reescrevendo a identidade nacional**: “o último voo do flamingo” e suas faces pós-coloniais. Grau zero, Bahia, vol.1. n.1. p.246-263, jun./jun. 2013.

ROCHA, T. Normas da ABNT. 2016. 53 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Curso de Administração de Empresas, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará. 2016.

SARAIVA, S. S. **A casa do sonho desperto**”: Representações utópicas/distopias no romance moçambicano contemporâneo. Disponível em: <
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/7877/6899>>. Acesso em 08 de dezembro de 2017.

SARAIVA, S. S. **Ficcionalizando o real, realizando a ficção**: romance e representação em Ruy Duarte de Carvalho e Mia Couto. Disponível Em: <
<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0561-1.pdf>>. Acesso em 08 de dezembro de 2017.

SEPÚLVEDA, M.C.; SALGADO, M. T. **África e Brasil**: Letras em Laços: São Caetano do sul (SP): Yendis Editora, 2006.

TERENCIADO, Fidel. **Competição política e geográfica eleitoral em Moçambique (1994-2014)**. 2016. 104 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Pós-graduação

em ciência política, Universidade Federal do Pará, Belém-Pará, 2016.